

A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO E A MATERNIDADE

Tatiane Ramos da Silva dos Santos (PIBIC-Af-IS - CNPq/FA/UEM), Marina Silva da Cunha (Orientador). E-mail: ra124493@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Maringá, PR

Área e subárea do conhecimento: Economia / Economia dos recursos humanos

Palavras-chave: mercado de trabalho; fecundidade; mulher; serviços públicos.

RESUMO

Este projeto de iniciação científica teve como objetivos discutir a inserção da mulher no mercado de trabalho e o seu ciclo de vida, notadamente com relação impacto da maternidade. A partir de uma revisão da literatura se buscou entender a relação entre a participação no mercado de trabalho e o trabalho não remunerado, no domicílio. Enquanto a taxa de fecundidade apresenta uma tendência negativa de crescimento, a participação das mulheres tem uma tendência positiva. Por sua vez, a relação entre as duas variáveis é negativa, evidenciando a importância de políticas públicas que busquem compatibilizar as atividades remuneradas e não remuneradas das mulheres.

INTRODUÇÃO

A transição para a maternidade muitas vezes resulta em interrupções na carreira e desafios para as mulheres que desejam manter uma posição ativa no mercado de trabalho (Barbosa, 2014). Para Carneiro (2002) é importante identificar as políticas públicas e práticas organizacionais que podem facilitar a conciliação entre maternidade e carreira.

Segundo Cunha e Vasconcelos (2016), na teoria econômica, a oferta de trabalho depende do seu custo de oportunidade, e para as mulheres, esse custo está relacionado à maternidade. Para os autores a oferta de trabalho das mulheres depende dos salários e da renda familiar. A queda da fecundidade e o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho são fenômenos observados em diversos países. Neste sentido, o melhor entendimento do comportamento da fecundidade e da participação da mulher no mercado de trabalho é de suma importância para a tomada de decisão dos gestores públicos.

Ademais, as mulheres com baixa escolaridade estão mais confinadas em ocupações mal remuneradas do que os homens. A ampliação e a consolidação da partici-

pação plena das mulheres na atividade econômica vêm ocorrendo num processo lento e adverso, devido às limitações do mercado de trabalho e às dificuldades na evolução da redefinição dos papéis masculino e feminino nas esferas domésticas (Probst, 2005).

Neste contexto, este projeto de iniciação científica teve como objetivos discutir a inserção da mulher no mercado de trabalho e o seu ciclo de vida, notadamente com relação impacto da maternidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste trabalho são utilizadas informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNADC/IBGE) e do Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada (IPEA). As variáveis utilizadas são a taxa de fecundidade e a taxa de participação da mulher no mercado de trabalho. A taxa de participação considera as mulheres com 14 anos ou mais de idade e representa a oferta de trabalho, ou seja, as desocupadas e ocupadas em relação a total de mulheres na população nesta faixa etária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os principais fatores que contribuíram para a maior participação das mulheres no mercado de trabalho foi a redução da fecundidade, notadamente com o advento da pílula (Cunha, 2023). O trabalho dedicado às atividades no domicílio, como trabalho não-remunerado ou dupla jornada de trabalho, sobrecarrega principalmente às mulheres, em especial aquelas que entraram na maternidade. Neste sentido, existe uma relação negativa entre fecundidade e participação no mercado de trabalho.

No Brasil, conforme a Figura 1, em 2000 a taxa de fecundidade foi igual a 2,39 e, em 2021, a 1,75, ou seja, menor do que taxa de reprodução da população que é igual a 2,1 filhos por mulher.

Em 1960, enquanto a taxa de fecundidade no Brasil estava em 6,06, em vários países já estava em níveis mais baixos, tais como no Canadá (3,81), Argentina (3,07), Alemanha (2,37) e França (2,85). Por sua vez, em 2021, a taxa de fecundidade nestes países estava em 1,44, 1,88, 1,58 e 1,84, respectivamente. Essas informações sugerem que o ritmo de queda dessa taxa foi mais intenso no Brasil.

Por outro lado, a taxa de participação no mercado de trabalho ainda apresentava uma tendência de elevação, pelo menos até a pandemia Covid 19. Porém, ainda não retomou o nível pré-pandemia, conforme as informações da PNADC, atingindo 43,7% no segundo trimestre de 2024.

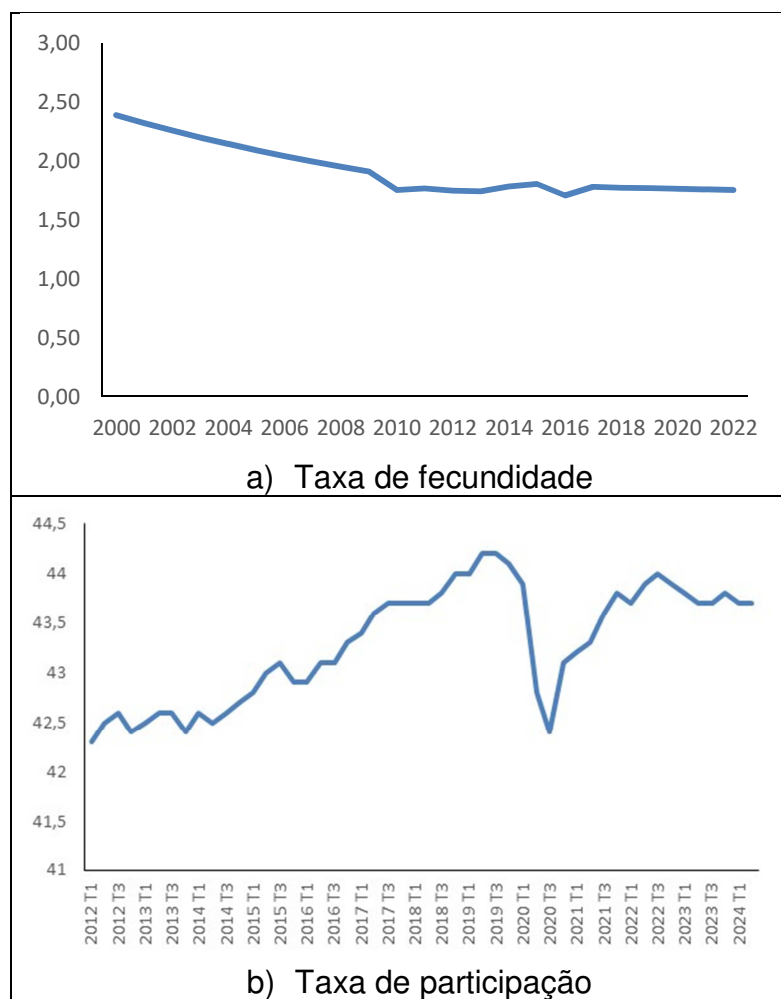


Figura 1. Taxa de fecundidade e de participação das mulheres no mercado de trabalho, Brasil
Fonte: IPEADATA e PNADC/IBGE.

Por sua vez, políticas públicas que busquem conciliar o trabalho remunerado e o dedicado às atividades no domicílio podem contribuir para a inserção da mulher no mercado de trabalho, tais como creches na primeira infância, educação básica integral, licença maternidade e paternidade, entre outras.

CONCLUSÕES

Foi possível verificar, para o Brasil, que enquanto a taxa de fecundidade apresenta uma tendência negativa de crescimento, a participação das mulheres no mercado de trabalho tem uma tendência positiva. Por sua vez, a relação entre as duas variáveis é negativa.

Destaca-se ainda que a taxa de fecundidade no país já está abaixo do nível de reprodução da população, o que indica que nos próximos anos a população brasileira reduzirá.

Estes resultados evidenciam a importância de políticas públicas que busquem compatibilizar as atividades remuneradas e não remuneradas das mulheres.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao programa PIBIC-Af-IS-CNPq/FA/UEM pelo auxílio financeiro com a bolsa de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. L. N. H. **Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro**. Nota Técnica Mercado de Trabalho, n. 57, Brasília, Ipea. 2014

CARNEIRO, S. A Batalha de Durban. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 2 09-214, 2002.

CUNHA, M. S. Trajetórias da mulher no mercado de trabalho. **Revista economistas**, v. 14, p. 24-29, 2023.

CUNHA, M. S.; VASCONCELOS, M. R. . Fecundidade e participação no mercado de trabalho brasileiro. **Nova Economia**, v. 26, p. 179-206, 2016.

PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de Trabalho**. 2005. Disponível em: < <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> > Acesso em 05 de novembro de 2012.